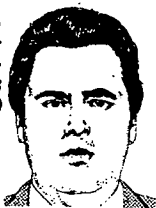


A moratória tecnológica, a Universidade brasileira

Ivan Caetano
Machado(*)



Afinal, por que estamos devendo mais de US\$ 100 bilhões?

Pais de dimensão continental, geopoliticamente estratégico, com um potencial hidrelétrico superior a 200 mil MW, agraciado com uma riquíssima história geológica e metalogenética, dotado ademais com uma área agricultável, recursos hídricos e costa marítima invejáveis, o que exatamente o Brasil teve de importar para crescer (e ficar devendo tanto)?

A resposta é muito simples: importamos tecnologia, isto é, inteligência e criatividade adequadamente aglutinadas, polinizadas e gerenciadas.

Importamos tecnologia para fazer crescer nosso parque siderúrgico, gerar energia elétrica, implantar um sistema moderno de telecomunicações, ampliar em bases sofisticadas nossa indústria minero-metalúrgica, nossa indústria química, etc.

É provável que em certa medida tenha valido a pena; é provável também que o risco tenha sido calculado e planejado, malgrado manifeste reiteradamente o

delfim do milagre que não vale a pena planejar.

Enfim, somos hoje uma grande economia e aumentamos muito nossa produção, isto é, avançamos quanto ao primeiro problema de uma economia. Mas regredimos quanto ao segundo e derradeiro problema econômico: o da distribuição da renda gerada pela produção.

Para pagar toda essa massa de inteligência e criatividade importada foi montado um modelo exportador que chegou a gerar um saldo mensal de US\$ 1,5 bilhão em nossa balança comercial, financiado pela miséria do povo, obrigado que era a produzir a baixos salários para tornar nossos produtos mais competitivos no mercado externo e pelo desemprego, uma vez que não sobravam recursos para novos investimentos no País.

E mais: o modelo exportador agravava acentuadamente o problema da concentração da renda. Além disso, taxas flutuantes de juros, "spreads" variáveis e demais sadismos do sistema financeiro internacional prolongavam a agonia de um povo obrigado a pagar uma dívida impagável. E tudo isso aconteceu porque o País não dispunha de substrato tecnológico para crescer.

A metodologia de dominação de pessoas e de po-

vos, antigamente centrada na força, foi evoluindo ao longo da história (que o diga Michel Foucault), passou pelas inteligências escolas de Sagres e Plymouth (a tecnologia da navegação marítima a serviço da colonização), atingindo seu sofisticado estágio atual: a dominação pela inteligência, criatividade, "know-how" e informações administradas, isto é, a dominação pela tecnologia.

E preciso que se compreenda claramente esta questão: não são os banqueiros nem o sistema financeiro internacional que estão pressionando o Brasil — eles são meros agentes de um poder político muito maior e que se respalda em uma bem montada massa tecnológica própria.

O Plano Cruzado fez ruir por terra o modelo exportador. Vencida num primeiro instante a inflação inercial, fortaleceu-se a nova moeda e aumentou-se concomitantemente o consumo interno, reduzindo-se, assim, o agregado exportável. Os brasileiros passaram a consumir uma parcela maior daquilo que produziam, diminuindo a um só tempo o imposto mais concentrador de renda de que se tem notícia — a inflação, bem como o desemprego — este por força de um aquecimento elevado e repentino na demanda interna.

Pela primeira vez em um longo período o nível de emprego não dependia das exportações.

Continuamos a pagar a dívida, agora já lançando mão de reservas, comprometidos que estavam os saldos da balança comercial com a redução das exportações e com as importações adicionais necessárias para se sustentar conceitualmente o Plano Cruzado até as eleições de 15 de novembro.

Ganhas as eleições, cessam as importações e edita-se o Cruzado II para que o sistema de abastecimento interno não entre em colapso. Realinham-se os preços e volta a inflação. Porém, nessa altura, já consumidas nossas reservas cambiais até o limite estrategicamente suportável (US\$ 4 bilhões?), comunicamos corajosamente o presidente Sarney (até por não ter aparentemente outra alternativa) a nossos credores a suspensão temporária do pagamento dos juros da dívida externa.

Repensada assim rapidamente mais uma história de colonização tecnológica, é muito importante que façamos a seguinte reflexão: seja qual for a configuração do Cruzado III, seja qual for a reação internacional à posição brasileira, vamos repetir a dose? Ou será que aprendemos e vamos de fato passar a investir em desenvolvimento tecnológico no Brasil?

Não podemos nem devemos nunca nos esquecer de que o fulcro do cenário tecnológico de uma nação é a sua Universidade. Tecnologia pressupõe Universida-

de. Criado o Ministério da Ciência e Tecnologia e propostas algumas ações de otimização no âmbito do Ministério da Educação, devemos sair rápida e efetivamente da retórica e passar à ação. A Universidade brasileira precisa ser prestigiada de fato, politicamente, com força, pois caso contrário não logrará êxito em nuclear, em conjunto com a indústria, centros de pesquisa, empresas de engenharia e demais atores do cenário tecnológico, uma massa crítica de tecnologia suficiente para embasar nossos próximos crescimentos.

Alguém ainda duvida de que tecnologia "de verdade" — a chamada tecnologia de ponta — requer o concurso de uma Universidade vigorosamente instrumentalizada? Ou será que alguém ainda duvida de que se insistirmos em importar tecnologia nossos filhos herdarão um curral-do-mundo?

Tecnologia própria é poder político, além de mecanismo de distribuição indireta de renda.

Tecnologia é democracia. Somente com ela é que poderemos acabar de vez com o modelo exportador e dependente a que se submete o Brasil desde 1500.

(*) Superintendente de coordenação de projetos do EPC — Engenharia Projeto Consultoria Ltda., de Belo Horizonte, e engenheiro de minas.

GAZETA MERCANTIL

10 MAR 1987